

## NOTAS ROCAMBOLESCAS: HISTÓRIAS DE ESCUSOS HERÓIS\*

Marlyse Meyer\*\*

*ROCAMBOLE: s.f.*

1) *Nom vulgaire de l'ail d'Espagne*

2) *Fig. et familièrement: ce qu'il y a de plus piquant dans quelque chose.*

3) *Populairement... C'est de la rocambole... c'est du bavardage.*

*In: Littré, Dictionnaire de la langue française (1863-1872).*

RESUMO: O artigo parte da aproximação, aparentemente insólita, de dois textos: 1) *Proezas de Rocambole* (1857-1870), folhetim de Ponson du Terrail, cujo núcleo inicial trata de uma sociedade secreta, o Clube dos Valetes de Copas, chefiada pelo "vil" conde Andrea, e depois por seu sobrinho, Rocambole; 2) *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* (1852), de Karl Marx, que narra, como um romance policial, a ascensão do sobrinho de Napoleão a partir da sociedade secreta 10 de Dezembro, e as aventuras reais e farsescas de um "canalha medíocre". Faz-se notar que a própria imprensa francesa da época assimilou a figura de Rocambole com a do Imperador. Comenta-se a atualidade de Rocambole e tenta-se uma definição do rocambolesco, nesta época de corrupção e violência. Ressalta-se a ambígua atração que aventuras de escusos heróis, tratadas com delírio imaginativo e ritmo desenfreado, exercem sobre os leitores, tomando como exemplos Machado de Assis e Graciliano Ramos.

UNITERMOS: Rocambole, Luís Napoleão Bonaparte, folhetim, rocambolesco, herói velhaco, violência, imaginário.

---

\* Capítulo inédito de livro em fase final de preparação, que tem por título: *Folhetim: uma história*.

\*\* Professora de Literatura Comparada e Cultura Brasileira da UNICAMP e da USP.

Estas notas pretendem fazer uma aproximação entre dois textos que talvez pareça tão insólita quanto aquele “fortuito encontro, sobre uma mesa de dissecação, de uma máquina de costura e de um guarda-chuva”, imaginado por Lautréamont (1958 a, canto 6, p. 320 s). Não terá esta aproximação a beleza que o poeta atribui ao encontro, mas, creio eu, não será tão fortuita; terá sua lógica, como tem sua lógica essa associação com Maldoror, um “herói velhaco” (*héros fripon*), “magnetizador de capitais com seu fluido pernicioso” (Lautréamont, 1958 a, p. 320 s). Traço comum a todos esses que aqui reuno, seus tempos são os mesmos. “... *le temps des assassins*” de que fala outro poeta ainda, Rimbaud. Sanguinária corrente que nasce nas barricadas de junho de 1848 e vai se despejar nas da Comuna em 1871. Abarcando aquele “período sem relevância”, em que a cumplicidade do partido da ordem abre o caminho do poder a um “canalha medíocre” e trapaceiro.

O que vou aproximar é uma obra de “baixa” ficção, de puro desvario imaginativo, um famigerado romance folhetim, pasto cotidiano dos jornais de um tostão e um texto “sério”, (fora de moda?), que analisa fatos históricos, realmente acontecidos. Este último, aliás, não por acaso talvez, é construído como um romance policial: onde o narrador-detetive-autor, após apresentar o crime, vai desentranhando das sombras o criminoso, vai destrinchando suas artimanhas de meliante, desmontando seus truques, denunciando a comédia de máscaras de seus cúmplices da alta. O autor-detetive lança mão até de macetes do romance folhetim:

“Recapitulemos...”, “Retomemos o fio dos acontecimentos...”, “Antes de prosseguirmos, tornam-se necessárias algumas explicações...”, etc. Mas como é comédia, o mistério, o crime, o romance são, ao fim e ao cabo, História, e não ficção, que exige um *happy ending*, o criminoso desmascarado não é punido, alcança sua meta e sobe num trono usurpado, mas trono de verdade. Título do texto “sério”: *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. Seu autor: Karl Marx. Um folhetim de sete capítulos escritos entre 10 de janeiro e 25 de março de 1852. Primeira edição: Nova York, 20 de maio de 1852. Reedição: 1869.

Já o romance de verdade - melhor dizendo os romances, uma vez que constituíram uma série que se publicou durante mais de dez anos -, narra as *Proezas de Rocambole*, personagem redivivo, uma vez que seu criador tenta sempre matá-lo, mas a pedido dos leitores aflitos, sempre teve de ressuscitá-lo, donde: *As últimas palavras de Rocambole*, *A última reencarnação de Rocambole*, *A volta de Rocambole*, etc. O novo Fênix só vai morrer mesmo com a morte, esta sim, inapelável, de seu autor, em 1871. Este autor: um pseudo Visconde, fecundíssimo e compulsivo escrevinhador, Ponson du Terrail.

Ambos os livros ligados à mesma época histórica, o Segundo Império na França. Ambos lidando com a mesma categoria de “heróis”. Heróis de fancaria, “*héros fripons*”:

real um, fictício outro, “crápulas” (Crapulinski), canalhas mediócras os dois. Só não é medíocre a sua capacidade comum de trapacear, ludibriar, conspirar na sombra, o seu “espírito inventivo” que saberia “resolver qualquer dificuldade que barrasse o caminho de seu interesse” (Terrail, 1975, p. 144). São ambos mestres em “combinações infernais” (idem), em metamorfose e disfarces, “veste lacaios londrinos em uniformes franceses” (Marx, 1963, p. 71), às voltas com “negócios colossais” (Terrail, 1956, p. 27), “financiando a Assembléia Nacional com as verbas que acabara de extorquir dela” (Marx, 1963, p. 73). Herói(s) que tal “novo Diógenes, andava em busca de uma mulher, de uma mulher que necessitava para a execução de seus planos tenebrosos” (Terrail, 1975, p. 68) e levava “vantagem sobre o burguês vil porque podia conduzir a luta por meios vis” (Marx, 1963, p. 80).

Ambos os livros tratam de sobrinhos desbancando tios gloriosos. Sir William-Conde Andrea, o tio duas vezes ficcional, já que é ele quem escolhe e adota o “sobrinho” - discípulo que vai lhe passar a perna, é herói degradado em relação a seus antepassados do folhetim romântico. Não tem a aura de um Vautrin-Carlos Herrera de Balzac, nem mesmo aquela que ainda o envolve quando torna a surgir (depois de *Pai Goriot e Ilusões perdidas*) num folhetim explícito como *Esplendor e miséria de uma cortesã*. E o outro tio, tio de verdade, herói de verdade, é “o velho Napoleão” do qual não só “fizeram a caricatura, como geraram o próprio velho Napoleão, tal como deve aparecer necessariamente em meados do século XIX” (Marx, 1963, p. 20).

O tio, o Mestre de Rocambole, cuja ação atravessa o livro todo, ainda justifica suas vis ações com a grande motivação dos heróis matriciais, a vingança, e conserva uma retórica oriunda de suas origens aristocráticas. Já o sobrinho, Rocambole, filho de guilhotinado, nascido nas sargetas de Paris, faz a maior gozação das motivações “elevadas” do “tio”, orgulha-se de suas origens e “rocamboleia” sem a menor retórica ou pseudo-moralidade. Entre outras múltiplas metamorfoses, pode passar por visconde sueco ou marquês brasileiro: “- Diga aí, pronunciou gravemente sir William, você fazia muita questão do teu título de visconde sueco? - E porque não, ele me colocava muito bem no mundo. - Pois eu te crio marquês brasileiro - Ora veja! - De hoje em diante você vai se chamar don Indigo, marquês de los Montes; serás o descendente de uma velha raça espanhola estabelecida há um século no Brasil. Teus antepassados, arruinados a serviço da Espanha, fizeram uma fortuna fabulosa no Brasil, conquistando vastas terras desertas, e tu gastas loucamente em Paris os lucros que dão teus numerosos rebanhos de búfalos, de carneiros e cavalos. És um fidalgo pastor.” (Terrail, 1975, p. 206). Será necessário evocar o *Je suis bresilien, J'ai de l'or das Gaités Parisiennes* de Offenbach? Qualquer que seja o travestimento, sempre mantém aceso o olhar sedutor e magnético. É chefe embaçado de sociedades secretas que atingiram, como

suas andanças, dimensões planetárias. Prevaricar, matar, subornar, ludibriar, dissimular, e outras velhacarias do mesmo jaez são as chaves para alcançar a única meta do herói-bandido: dinheiro. Isto, mesmo quando, às tantas, novo Roberto do Diabo sempre de fancaria porém, pretende se regenerar e passa para as hostes do bem, que, como por acaso, se confundem com o mundo da ordem estabelecida. Coloca então suas renovadas façanhas a serviço do órfão e do desvalido. Nem por isso se desfaz de sua corja de escravizados à sua vontade e a seu botim, nem deixa, ao fim e ao cabo, de agir em interesse próprio. “E em Bonaparte o pretendente imperial estava tão intimamente ligado com o aventureiro em maré de pouca sorte que sua grande idéia, a de que era chamado a restaurar o império, era sempre suplementada pela outra, de que o povo francês tinha a missão de pagar suas dívidas” (Marx, 1963, p. 58). “Uma longa vida de vagabundagem aventureira dotara-o de sensíveis antenas para sondar os momentos de fraqueza em que poderia extorquir dinheiro de seus burgueses” (Marx, 1963, p. 69). Se ao tio ainda se aplicam elogios: “forte, paciente, audacioso, hábil em manusear a arma terrível da dissimulação” (Terrail, 1975, p. 223), ainda que “covarde diante do perigo como todo verdadeiro celerado”, o sobrinho é menosprezado até por bandidos. “... Zampa soltou uma gargalhada tão estridente que fez estremecer Rocambole. E continuou: - Como bem se vê, meu caro, tu não tens a alma de um verdadeiro bandido, mas sim o coração de um tratante vulgar! Não és um celerado, és um ladrão miserável! Não serves aqueles que te serviram; a tua recompensa é matá-los...” (Terrail, 1946, p. 111).

Não se poderia acoplar tão malsinada figura àquela “*figure malpropre*”, àquela “personalidade ridícula, ordinária... do pseudo-Bonaparte que o muito poderoso partido da ordem foi obrigado a levar a sério”? (Marx, 1946, p. 106).

Levar a sério o presidente de uma sociedade secreta?

Qual delas? *O Clube dos valetes de copas*, “misteriosa e temida associação” cujo chefe só age na sombra e transmite suas ordens através de um lugar tenente, sempre empenhada em “operações que podem dar resultados fabulosos”, com rituais lembrando a maçonaria, cujos sócios, sempre encapuçados nas reuniões secretas em casas labirínticas, não se conheciam uns aos outros, e eram recrutados nos meios mais diversos, artistas, lacaios, antigos militares, velhos trabalhadores de vida misteriosa e aparência assustadora, dandies, estrangeiros exóticos, etc... (Terrail, 1956, cap. III).

Ou seria a Sociedade de 10 de Dezembro? “Esta sociedade originou-se em 1849. A pretexto de fundar uma sociedade beneficente, o lumpem-proletariado de Paris fora organizado em facções secretas... Lado a lado com *roués* decadentes, de fortuna duvidosa e de origem duvidosa, lado a lado com arruinados e aventureiros rebentos da burguesia, havia vagabundos, soldados desligados do exército, presidiários libertos, forçados foragidos das galés, chantagistas, saltimbancos, *lazzaroni*, pinguistas, trapaceiros, jogadores, donos de

bordéis, carregadores, *literati*, tocadores de realejo, trapaceiros, amoladores de facas, soldados, mendigos - em suma toda essa massa indefinida e desintegrada, atirada de ceca em meca, que os franceses chamam *la bohème*; com esses elementos afins Bonaparte formou o núcleo da Sociedade de 10 de Dezembro. 'Sociedade beneficente', no sentido de que todos os seus membros, como Bonaparte, sentiam necessidade de se beneficiar às expensas da nação laboriosa...' (Marx, 1963, p. 70-71).

Não faltam, como se vê, as parencas. O que é fantástico, é que o "herói" histórico, o Bonaparte- sucedâneo, o existido, o Crapulinski "salvador da sociedade" (Marx, 1963, p. 27) é que prefigurou o "herói" ficcional, cujas cascadeantes proezas haveriam de alegrar-lhe o reino, como que o espelhando. Tal como o cientista, que, com seus cálculos pode prever novo planeta ou novas partículas, assim Marx, na sua minuciosa e contundente análise que desencavou e trouxe à tona as artimanhas e a ambição de um príncipe-lumpen, Marx constrói, em antecipada projeção, o único herói romanesco possível dessa época sem heróis e sem fastos, aquela mesma que deveria matar a sonhadora Emma Bovary.

E mais ainda, pode-se observar no romance de Rocambole algo semelhante ao que Marx sintetizou na fórmula consagrada: a retomada do mesmo. A repetição do acontecido no registro da farsa. A paródia, enfim.

Para o observador externo Rocambole se apresenta - ainda que nem sempre o autor esteja consciente disso -, como a paródia do grande folhetim romântico à Eugène Sue, à Alexandre Dumas. O que não significa que o resultado não fosse um produto *sui generis*, que deu lugar até a um novo conceito: o rocambolesco, assim como a farsa do "segundo Bonaparte" gerou um muito concreto governo e um conceito político, o bonapartismo. Fantástico fenômeno de leitura, que varou o tempo e as fronteiras, saindo em jornais, multiplicado em livros, em diversas línguas, em múltiplas edições, encarnou-se no teatro. Chegou cedíssimo ao Brasil, seguindo a mesma trajetória, em jornais, fascículos, livros, em múltiplas edições que atravessariam o século, no teatro, e foi das primeiras leituras de muita gente boa. Já Machado de Assis pretende nunca tê-lo lido:

"(...) a (serrilha) que nos dera mais no goto, a que nos sustilha neste vale de lágrimas, a que nos dava brio e força era... era ele, o eterno, o redivivo, o nunca assaz louvado *Rocambole*, que eu julgava perdido para sempre, mas que afinal ressurgiu das próprias cinzas de Ponson du Terrail. Ressurgiu. Eu o vi (não o li), vi-o com estes olhos que a terra há de comer; nas colunas do *Jornal*, a ele e mais as suas novas façanhas, pimpão, audaz, intrépido, prestes a mudar de cara e de roupa e de feitio, a matar, roubar, pular, voar, e empalmar.

Certo é que nunca o vi mais gordo. Eu devo confessar este pecado a todos os ventos

do horizonte; eu (cai-me a cara no chão), eu... nunca li *Rocambole*, estou virgem dessa *Iliada* de realejo. Vejam lá; eu, que li os poetastros da *Fênix Renascida*, os romances de Ana Radcliffe, o *Carlos Magno*, as farsas de barbante, a *Brasiliada* do Santos e Silva, e outras obras mágicas, nunca jamais em tempo algum me lembrou ler um só capítulo do *Rocambole* (...).

“Perdão, ouvi-o no teatro, num drama que o Furtado Coelho representou há anos<sup>1</sup>. Foi a primeira e única vez que me foi dado apreciar cara a cara, o famoso protagonista. Não sei que autor (francês ou brasileiro? não me lembro) teve a boa inspiração de cortar um drama do romance de Ponson du Terrail, idéia que o Furtado lhe agradeceu do íntimo d’alma porque o resultado pagou-lhe o tempo” (Assis, 1959, p. 320).

Não será “coquetismo” de Machado? Porque não lhe escapou a adequação do herói a seu tempo, o que evidentemente supõe um mínimo de leitura do desdenhado folhetim, a julgar pelo Livro II que se segue a *Aleluia*, intitulado: *Aquiles, Enéias, Dom Quixote, Rocambole*:

“Estes quatro heróis, por menos que o leitor os ligue, ligam-se naturalmente como os elos de uma cadeia. Cada tempo tem a sua *Iliada*: as várias *Iliadas* formam a epopéia do espírito humano.

Na infância o herói foi Aquiles, - o guerreiro juvenil, altivo, colérico (...) largamente talhado em granito (...) Enéias é o segundo herói, valente (...), poético

---

<sup>1</sup> Será que Machado se refere à representação mencionada no Folhetim de teatro da revista *O Arlequim?* (nº 11, 14 de julho de 1867):

“Representa-se atualmente no Theatro Gymnasio um drama por Anicet Bourgeois em 8 quadros, extraído do incomensurável romance de Ponson du Terrail. No drama apresenta-se Rocambole sob o aspecto de homem mau.

É o neófito do afamado Clube do Valete de Copas (...)

Rocambole entra em cena escalando uma janela e roubando uma burra. As leitoras do *Jornal do Comércio*, afeitas à ressurreição de Rocambole, devem ter sentido uma impressão desagrável vendo o seu querido herói sob uma luz tão feia (...) Mas compensadas, talvez pela satisfação de assistirem ao desempenho bom em geral de uma composição dramática um tanto desenquadrada no seu todo: Furtado Coelho-Rocambole.

Rocambole o audaz, Rocambole o homem que não sabia o que era a pusilanimidade. Rocambole o atrevido”.

O sucesso terá sido grande, porque lemos ainda, no mesmo jornal, nº 29 de 17 de novembro de 1867: “O Gymnasio continua a explorar a inexaurível mina rocambólica. Furtado Coelho tem lances lindíssimos”.

(...), civilizado, mistura de espírito grego e latino. Prolongou-se este Enéias pela Idade Média, fez-se soldado cristão, com o nome de Tancredo, e acabou em cavalarias altas e baixas.

As cavalarias, depois de estromparem os corpos à gente, passara a estrompar os ouvidos e a paciência, e daí surgiu o Dom Quixote que foi o terceiro herói, alma generosa e nobre, mas ridícula nos atos ainda que sublime nas intenções. Ainda nesse terceiro herói luzia um pouco da luz aquileida, com as cores modernas, luz que o nosso gás brilhante e prático de todo fez empalidecer. Tocou a vez de Rocambole. Este herói, vendo arrasado o palácio de Priamo e desfeitos os moinhos da Mancha, lançou mão do que lhe restava e fêz-se herói de polícia, pôs-se a lutar com o código e o senso comum.

O século é prático, esperto e censurável; seu herói deve ter feições consoantes a estas qualidades de bom cunho. E porque a epopéia pede algum maravilhoso, Rocambole fez-se inverossímil; morre, vive, cai, barafusta e some-se, tal qual como um capoeira em dia de procissão.

Veja o leitor, se não há um fio secreto que liga os quatro heróis. É certo que é grande a distância entre o herói de Homero e o de Ponson du Terrail, entre Tróia e o xilindró. Mas é questão de ponto de vista. Os olhos são outros; outro é o quadro; mas a admiração é a mesma e igualmente merecida. Outrora excitavam pasmo aquelas desconhecidas lanças argivas. Hoje admiramos os alçapões, os nomes postiços, as barbas postiças, as aventuras postiças.

Ao cabo tudo é admirar.” (Assis, 1959, p. 391-392).

É interessante notar que o livro preferido do doido, ex-mendigo Quincas Borba fosse o Quixote, ao passo que, entre tantos modelos possíveis, o herói do ensandecido Rubião fosse o Imperador dos Franceses. Ou seja, um Príncipe lumpen. Um imperador postiço, em suma. Teria Machado de Assis sabido que a própria imprensa satírica francesa, assimilou, em textos e em caricaturas, o redivivo e velhaco herói à imperial figura, aquele Napoleão III com quem, com tanta paixão e imitação total, se identificou o endoidecido herdeiro do fundador da Humanitas? (*La lune* de 17 de novembro de 1867, traz na figura de capa um terrível desenho de Napoleão III com a legenda: “*portrait authentique de Rocambole*”, ilustrando um violento editorial). Não será uma bela alegoria daquele universo de trapaças em que banha o casal Palha e levou de roldão desde o velho major, até o próprio Rubião?

Além da aproximação, a meu ver, factível, entre o 18 Brumário e o mais célebre folhetim do Visconde Ponson du Terrail, o que me parece igualmente espantoso, é a atualidade de Rocambole. Como é sempre pertinente o significado pleno do seu conceito-

chave. Se o termo *rocambolesco* acaba sendo o estereótipo que define toda e qualquer aventura malucamente inverossímil, isto, para começar, não quer dizer que esta seja forçosamente ficcional. Haja visto o número de vezes em que os sisudos jornalistas do *Le Monde* precisaram lançar mão desse conceito para definir o gorado “golpe moscovita” - o de agosto de 1991. E lembro-me quando anos atrás, eu estava mergulhada - por obrigação de ofício e deleite pessoal - na leitura dos trinta e tanto volumes das proezas de Rocambole, para continuar meu artigo *Folhetim para Almanaque, ou Rocambole, a Iliada de realejo* (in: *Almanaque*, nº 14, S. Paulo, Brasiliense, 1982), a leitura dos jornais da época me fazia confundir os campos. Eu ia patinando do imaginário ao real, do acontecido - deu no jornal - ao inventado, não sabia às vezes se estava lendo o noticiário ou outra versão do Rocambole, tão rocambolescos eram os fatos jornalísticos.



A época era a das Brigadas Vermelhas, dos terroristas de Baader-Meinhof na Alemanha, o terrorismo palestino, Abu Nidal e o célebre Carlos-Chacal e seus mil disfarces e nomes. Ou era Rocambole, travestido? Época dos escândalos das lojas maçônicas e dos *bas-fonds* financeiros do Vaticano, tráfico de cocaína, maffias, etc. E, na pátria amada, cada vez mais fortes os contraventores do bicho, as sociedades secretas nem tão secretas, bandos de droga e o Comando Vermelho nas penitenciárias, bandido como Lúcio Flávio, que não queria conversa com outro bandido, o belo Mariel Marescot, porque acreditava na pureza bandital, tal como o acima citado Zampa, como decorre de uma sua entrevista:

“Sei que sou bandido. Mariel eu não sei o que é. Eu disse a ele, não dá para a gente fazer acordo, porque bandido é bandido, polícia é polícia... É igual azeite e água, não se misturam” (Folha de S. Paulo, 09/10/1981, p. 14).

Misturam sim.

E, tal Rocambole-Roberto do Diabo, que acabou “trabalhando para o bem”,



sempre manipulando a ralé, o belo Mariel Marescot, tão amado e chorado pelas mulheres, se “converteu” e bandeou-se para os lados da polícia, para “ajudá-la”. Foi também a época do competente e mundano cirurgião plástico, assistente do Dr. Pitanguí, o Dr. Hosmanny. Amante muito chorado de Becky Klabin e Marisa Raja Gabaglia. As quais poderiam ter clamado como Wanda, a escrava amante do romanesco herói: “Rocamble, Rocamble, onde estás que não me acodes?” (Terrail, 1931, p. 285). Hosmanny e suas mil fugas espetaculares, de Mercedes, de avião, do presídio, etc. Um itinerário até mais rocambolêscos e difícil de acompanhar do que aquelas andanças do próprio Rocamble, por exemplo quando tenta, ficando de olho no seu tesouro, “ajudar” o rajá Osmani. Nem falta a cirurgia plástica metamorfoseadora, a mesma a que se submeteram o italiano Busceta (quem teria sido o hábil cirurgião?) e o Conde Andrea, que continua, com sua cara nova sendo o cabeça de muita conspiração, a partir de seu refúgio na sua ilha (a dos Porcos?).

E como para Rocamble, a mola-mestra de bandidos convertidos, os de verdade e os de mentirinha, de cirurgiões plásticos devassos, contraventores de vários (e articulados) ramos, da ralé que acompanha os grandes e até de muita gente boa que os inveja - é o dinheiro. Não mais um romanesco tesouro escondido na grotta, mas aquele botim que abre a um Rocamble de mentira e seus êmbulos de verdade, os salões da nobreza parasiense, do almirante inglês, dos antros secretos do *thugs* estranguladores, dos Fenian irlandeses e do Comando Vermelho, das colunas sociais e das escolas de samba e clubes de futebol. A dinheirama que permite possuir residências incríveis, castelos fortificados, ilhas, freqüentar hotéis elegantíssimos, possuir carruagens deslumbrantes, mulheres escravas e garantir fugas espetaculares. O dinheiro que o Rocamble convertido ao bem, ou seja, identificado ao sagrado direito do legítimo proprietário, era a este devolvido, porque “é absolutamente indispensável que o *bem* volte à sua origem” (Terrail, 1931, p. 386). Mas como o bem sempre compensa, recompensa, o que sobrava dos ostensivos auto-donativos a que legitimamente suas faça-nhas faziam juz, Rocamble o convertia em bônus e ações descontáveis na praça... de Londres.

Pode-se então dizer que o termo rocambolêscos não é somente um estereótipo definindo qualquer aventura descabelada, mas designa precisamente aquele conjunto de ações, conspirações, planejamento por uma cabeça muito fria, de inteligência ímpar, para a urdidura da trama que permite, utilizando todos os talentos, todos os vícios, subornando, ameaçando, lançando mãos do crimé e da sedução, para alcançar a qualquer preço, sem o menor escrúpulo, desconhecendo até a menção da moral, a única meta que interessa: o dinheiro.

“Rocamble... tem ótimas disposições... mas é diabolicamente curioso... Queria saber a explicação do enigma. Mas nessa explicação é que está a minha vingança, porque só eu é que sei quais as ramificações que unem aqueles que odeio com os que tenho interesse em ferir... acham-se todos presos uns aos outros... Pertencem-me todos antecipadamente e estão envolvidos pela trama que há cinco anos tenho urdido, dia dia, e hora a hora...” (Terrail, 1956, p. 63).

Não seria impróprio atribuir essa fala ao próprio Ponson du Terrail, cuja genialidade consistiu em, tal como sua criatura, conceber e construir a máquina fria de planejar e urdir fio por fio todas aquelas tramas diabólicas em que a/as vítimas designadas acabarão fatalmente por se enredar e perder-se, o que constitui o conjunto das aventuras de Rocamble. É nesta máquina que consiste o rocambolético. O termo não designa portanto meramente um conjunto de truques para movimentar enredos, para agarrar e agradar um público, - e como agarra... -, mas é também e sobretudo um paradigma, com sua estrutura já montada, de todo um sistema de bandidagem generalizada que não envolve só grandes bandidos, mas atravessa o mais banal cotidiano. E Rocamble, que deixou longe no tempo seu gêmeo Crapulinski, é o abre-alas deste banditismo poroso que parece uma das marcas da sociedade contemporânea e do qual a categoria do rocambolético é o paradigma fundador.

Poder-se-ia dizer, que, da mesma maneira que o historiador Karl Marx antecipou e previu com seu gênio analítico o príncipe do lumpem ficcional, o escrevinhador Ponson du Terrail, este gênio do rodapé, observador pragmático de uma realidade que lhe fornecia temas, e habitado pelo delírio da imaginação, ao construir ficcionalmente seu protético herói e seu sistema de ação, também soube antecipar e prever o gangsterismo generalizado que assola a sociedade moderna, tão brilhantemente inaugurado pelo Bonaparte-substituto, o que fecha o círculo. Da história à ficção rocambolética e do rocambolismo triunfante novamente à História.

Era de Aquário? Por que não de Rocamble? Muito bem aclimatado nas terras de Malazarte, João Grilo e Zé Pelintra, mas onde até eles hoje fariam figura de santinhos. Por outro lado, como aponta Sonia Jordão, o sucesso que acompanha - e suscita - a longa e renovada recriação do herói, em vida de seu autor, de 1857 a 1871, e depois, “renascido das próprias cinzas de Ponson du Terrail” como lembra Machado, já revela uma predisposição para a identificação com um herói negativo em termos de moral, mas totalmente positivo em termos de sucesso, alcançado por qualquer meio. Denota uma aceitação, uma acomodação que já apontam para todas as “banalizações” do mal que estão por vir.

E se se pode ver em Ponson du Terrail, num processo inversamente simétrico ao de Marx o “vidente” que previu, simbolizado em Rocamble e no rocambolético, o advento

do banditismo banalizado e erigido em valor positivo, ele também prevê a complacência universal com essa forma generalizada de comportamento.

“Estamos perdendo a noção da moral, do certo e do errado. Consideramos vitoriosos aqueles que ganham muito dinheiro, seja como for. Estamos apontando para nossos filhos o exemplo social do criminoso, daquele que ganhou dinheiro corrompendo jovens, mas ficou rico” (Revista *Veja*, S.Paulo. 28/08/1991).

Mas que a “sinistrose” da análise não nos faça esquecer que, ao fim e ao cabo, as proezas de Rocambole são um romance folhetim. E dos mais apetecíveis. Qual tal, se, para espiares, nestas épocas de narcotráfico, seqüestros, planos econômicos-larápios, capitães Guimarães e sumidos Ivos Noal, tempos liderados pela República das Alagoas, em que realistas melodramas lacrimosos mascaram malversações, que tal se esquecêssemos a folhetinesca realidade e fôssemos ler romance? Por exemplo os trinta e tanto volumes em que se espriam as *Proezas de Rocambole*?

E para que a gente não se envergonhe de se entregar a tão fútil lazer - já não basta a novela? - ocorre lembrar um muito ilustre exemplo. O qual é também um dos raros que ajudam a erguer um véu sobre esse mistério que, apesar de todas as modernas teorias da recepção sempre envolve a questão da relação entre o leitor e suas leituras. São poucos os depoimentos diretos que permitem ir fundo na avaliação do impacto e dos efeitos da leitura no imaginário de um leitor particular. E, para falar com Darnton, dos seus “efeitos cognitivos e afetivos” (Darnton, 1990, p. 149).

Temos um testemunho excepcional, onde o esforço da memória tenta captar os efeitos perturbadores e formadores da leitura no imaginário de um jovem sedento de livros, quase inexistentes no seu perdido lugarejo de origem. E não qualquer livro: “eu precisava ler, não os compêndios escolares, insossos, mas aventuras, justiça, amor, vinganças, coisas até então desconhecidas...”. Tão forte desejo encoraja o menino a procurar um dos únicos donos de bibliotecas do lugar, “homem sabido, conhecedor de Marat, Robespierre”, o tabelião Jerônimo Barreto, que o “desviou para as obras de carregaço”, depois de lhe ter emprestado *O Guarani*. Fecundo desvio que também o desviaria das linhas certas da “espécie de colégio” em que foi introduzido, cujo diretor “esteve semanas sem me dirigir palavra, certamente julgando-me imbecil, o que muito me serviu”. Nome do ávido leitor e incorrigível aluno: Graciliano Ramos. Embora o que sabemos dele nos faria imaginá-lo antes leitor de Karl Marx do que de literatura de carregaço, naquela época primordial das leituras formadoras, Graciliano também deitou e rolou nas barracas volutas do caracol rocambolesco.

Ouçamo-lo para encerrar estas notas, falar da obra de um Visconde tão falso quanto o de Sabugosa e dos seus efeitos na sua abertura ao mundo e à narrativa literária:

“Nesse tempo” (o da “espécie de colégio”), “eu andava nos fusuês de Rocambole. Jerônimo Barreto me fazia percorrer diversos caminhos: revelara-me Joaquim Manuel de Macedo, Júlio Verne, afinal Ponson du Terrail, em folhetos devorados na escola, debaixo das laranjeiras do quintal, nas pedras do Paraíba, em cima do caixão de velas, junto ao dicionário que tinha bandeiras e figuras.

Os meus colegas se afastavam de mim, declamavam às capitais, os rios da Europa. E eu mascava os prolegômenos... Quando tomei pé na Europa, eles exploravam outras partes do mundo. Surdo às explicações do mestre, alheio aos remoques dos garotos, embrenhava-me na leitura do precioso fascículo, escondido entre as folhas de um atlas. Às vezes, procurava na carta os lugares que o ladrão terrível percorrera. E o mapa crescia, povoava-se, riscava-se de estradas por onde rodavam caieças e diligências.

Conheci desse jeito várias cidades, vivi nelas, enquanto os pequenos em redor se esgoelavam num barulho de feira. O rumor não me atingia. Em vão me falavam. Sacudido, sobressaltava-me, as idéias ausentes, como se me arrancassem do sono. Olhavam-me estupefactos, devagar me inteirava da realidade.

Governadores-gerais, holandeses e franceses começavam a importunar-me... Os meus novos amigos guardavam maquinalmente façanhas portuguesas, francesas e holandesas, regras de sintaxe - e brilhavam nas sabatinas. Segunda-feira estavam esquecidos, e no fim da semana precisavam repetir o exercício, decorar provisoriamente toda a matéria. À medida que avançavam, a tarefa se ia tornando mais penosa: ficavam apenas, algum tempo, as últimas lições.

Eu achava estupidez pretenderem obrigar-me a papaguear de oitiva. Desonestidade falar de semelhante maneira, fingindo sabedoria. Ainda que tivesse de cor um texto incompreensível, calava-me diante do professor - e a minha reputação era lastimosa. Um dia, porém, houve exame imprevisto e os alunos encrencaram nos rios e nas capitais. Haviam-me chegado pedaços disso. Geografia velha, anterior à locomotiva, cheia de soluções de continuidade, mas foi exposta e produziu efeito regular. Mencionei o bosque de Bolonha, Versalhes, o Sena, a torre de Londres, as pontes de Veneza, o Reno e o Tibre, o porto de Marselha. Não era exatamente o que desejavam. Em todo o caso fui ouvido. Certas interrupções me avivavam a eloquência. O Mediterrâneo? Perfeitamente, a Córsega, terra de Napoleão. ... Napoleão se estrepara na campanha da Rússia logo nas primeiras páginas do

Rocamble. Num desconchavo referi-me à catedral de Notre Dame e ao Vesúvio familiarmente, como se os tivesse visto. Além disso, arrolei plantas e animais exóticos: carvalhos e pinheiros, vinhedos e trigais, lobos e javalis, melros e rouxinóis.

Finda a novidade, os meus conhecimentos originaram desconfiança e algum desdém: Versalhes, Notre Dame e os rouxinóis tinham aparência de contrabando. E eram inúteis, com certeza. Mas serviam para a composição de narrativas - e fora daí não me inspiravam interesse.

A existência comum se distanciava e deformava; conhecidos e transeuntes ganhavam caracteres das personagens do folhetim.

Descurei as obrigações da escola e os deveres que me impunham na loja. Algumas disciplinas, porém, me ajudavam a compreensão do romance e tolerei-as - bocejei e cochilei buscando penetrá-las.

Em poucos meses ali a biblioteca de Jerônimo Barreto. Mudei hábitos e linguagem. Minha mãe notou as modificações com impaciência... Jovino Xavier... os caixeiros... entraram a considerar-me um indivíduo esquisito. Minha mãe, Jovino Xavier e os caixeiros evaporavam-se. A única pessoa real e próxima era Jerônimo Barreto, que me fornecia a provisão de sonhos..." (Ramos, 1953, p. 212-216).

E como folhetim é vício, nele torna a recair o moço Graciliano até mesmo quando já freqüentava "leituras difíceis", e, pelo visto, o folhetim continuava a trazer-lhe proveito:

"Feria-me às vezes... uma saudade viva das personagens de folhetins: abandonava a agência, chegava-me à biblioteca de Jerônimo Barreto, regressava às leituras fáceis, revia condes e condessas, salteadores e mosqueteiros brigões, viajava com eles em diligência pelos caminhos da França. Esquecia Zola e Victor Hugo, desanuviava-me. Havia sido ingrato com os meus pobres heróis de capa e espada. Não me atrevia a exibí-los agora. Disfarçava-os cuidadoso e, fortalecido por eles, submetia-me de novo ao pesadume, ia buscar o artifício e a substância, em geral muito artifício e pouca substância" (Ramos, 1953, p. 228).

E disfarço-me por minha vez à sombra de Graciliano, para confessar que não obstante a tentativa de lucidês crítica, do desmonte das trapaças sórdidas de escusos heróis, não há como não se deixar levar pelo ritmo vertiginoso das sempre recomeçadas e cada vez mais alucinadas façanhas rocambolescas. Um prazer de leitura talvez perversamente

apimentado pela própria distorsão que representa um herói fora de esquadro, um sedutor camaleão, incapaz de sentir as paixões que, novo D. Juan, inevitavelmente desperta, com mais vidas que o gato, delirantemente imaginativo para sempre ludibriar, e sempre se safar das mais impossíveis armadilhas, mais para bandido enfim, do que para mocinho. E que bandido! Ainda não é chegado o novo paladino folhetinesco, o “herói republicano” caro a outro menino, Jean Paul Sartre: Pardaillan, cria de um autor anarquista, Zevaco, que os fascículos da revista *FonFon* haverão de divulgar fartamente pelo Brasil. Mas isto já é outra história. Hoje o tema é Rocambole. Mas volto a ontem, para as definitivas “últimas palavras” desta introdução ao rocambolismo, que entrego a outro escritor, que evoca “cidades mortas” do vale do Paraíba, S.Paulo:

“Itaoca(...) pobre lugarejo perdido no espinhaço da serra(...) tem, oficialmente, cinco mil habitantes, - estatística feita a olho -(...), é regida politicamente pelo coronel José Pedro, e intelectualmente pelo vigário, monsenhor Acácio da Silva, um homem que sabe tudo, até astronomia! Além deste luzeiro, há outras possantes candeias em Itaoca: o Juiz, velho bacharel pelo Pedro II; o Leão Lobo, mulatinho disfarçado, emérito em versos, charadas, enigmas e logogritos. Há ainda Pimenta, secretário da Câmara; o major Ventania, veterano de Itararé, e outros, que leram o *Rocambole* a fio e assinam as folhas governistas” (Lobato, 1959, p. 163).

Até onde não chegou o camaleônico personagem, ficcional sócia de um Imperador postiço, mas também inspirador de outro “herói velhaco”, o fuliginoso Maldoror: “hoje em Madrid, amanhã em S.Petersburgo, ontem em Pekim”... em Buique Al... em Itaoca S.P.... “Onde o lugar atual que as façanhas desse poético Rocambole enchem de terror?” (Maldoror, Canto 6). E alimentam com sonhos excusos? “*O saltimbanques des malaises incurables*” (Lautréamont, 1958 b, p.380).

Recebido para publicação em novembro/1991

MEYER, Marlyse. Notas rocambolescas: histórias de escusos heróis. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 3(1-2): 77-92, 1991.

MEYER, Marlyse. Rocambolesc Notes: Histories of Mock Heroes. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 3(1-2): 77-92, 1991.

ABSTRACT: This article, in its beginning, offers an apparently unusual approximation between two works: 1) the French *Adventures of Rocambole* (1857-1870), a Pons du Terrail *feuilleton*, that is structured upon the secret society 'The Hearts Jack Club', headed first by the sordid Count Andrea and later by his nephew Rocambole; 2) the *Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte* of Karl Marx, that tells the rise of the Napoleon's nephew from the secret society '10th of December' and also the real and at the same time phony adventures of a 'mediocre canaille'. It is shown that the French press at that time identified the character of Rocambole as though it was the Emperor's. This article remarks as Rocambole could be a character of ours days, searches for a definition for the word 'rocambolesc' in this period of corruption and violence. It talks about the appeal that these kind of mock, rascal heroes have on readers, comparing to examples from Machado de Assis and Graciliano Ramos.

UNITERMS: Rocambole, Louis Bonaparte, *feuilleton*, rocambolesc, vile hero, rascality, violence, imaginary.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. História de 15 dias (1877). In: *Crônicas*. Rio de Janeiro, José Aguilar Ed., 1959.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 9-10-1981.

LAUTRÉAMONT. Chants de Maldoror. In: *Ceuvres complètes*. Paris, Corti, 1958 a.

\_\_\_\_\_. Poésies I. In: *Ceuvres complètes*. Paris, Corti, 1958 b.

LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. São Paulo, Brasiliense, 1959, 9ª ed.

MARX, Karl. *Le 18 brumaire de Louis Bonaparte*. Paris, Ed. Sociales, 1963.

\_\_\_\_\_. *Les luttes des classes en France*. Paris, Ed. Sociales, 1946.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1953, 3ª ed.

MEYER, Marlyse. Notas rocambolescas: histórias de escusos heróis. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, **3**(1-2): 77-92, 1991.

TERRAIL, Ponson du. Tourquoise pêcheresse. In: *Drames de Paris*, vol. III. Paris, Garnier, 1975.

\_\_\_\_\_. *O clube dos valetes de copas*. Salvador, Ed. Progresso. 1956.

\_\_\_\_\_. *A desforra de Baccarat*. São Paulo, Cia. Brasil, 1946.

\_\_\_\_\_. *Últimas palavras de Rocambole*. Rio de Janeiro, Ed. João do Rio, 1931.

VEJA, São Paulo, 28/08/1991.